



Revista
Symposium

Mal-estar de fim de século: qual será nossa saída?

Tereza M. Meirelles Batista¹

Resumo: O presente artigo aborda a Clínica Psicológica neste final de século e apresenta uma panorâmica da atualidade, enfocando o progresso científico e sua influência na construção da subjetividade humana. Finalmente apresenta a necessidade de repensar o lugar da Psicologia Clínica na sociedade contemporânea e questiona sobre possíveis saídas.

Palavras-chave: psicologia clínica, clínica institucional, subjetividade, globalização.

Abstract: This paper reflects on psychological clinical practice at the turn of the century and presents a panoramic vision of modernity, focussing on scientific progress and its influence on the construction of human subjectivity. Finally it shows the need for rethinking the place of clinical psychology in contemporary society and raises questions about possible outcomes.

Key words: Clinical psychology - institutional clinic - subjectivity - globalization.

Este trabalho surge num momento em que o mundo, transformado pelo ideal iluminista, que prometia aos homens a construção de uma sociedade igualitária pela via da razão científica, evolui para uma consciência de que o movimento civilizatório jamais dará a tão sonhada felicidade. Sua intenção é apresentar uma visão crítica do homem e do mundo. E repensar o lugar ocupado pela Psicologia Clínica e pelas funções a que ela se vê chamada a desempenhar em nossa sociedade.

Foi a partir de uma experiência em sala de aula, ao receber os alunos da disciplina de Psicologia Clínica e do início do pré-estágio em clínica, que percebemos a confusão em que eles se encontravam. Após percorrerem vários períodos “*pagando*” disciplinas de pré-requisito, chegavam ansiosos diante da prática que se aproximava, pois o medo advinha do contato com o cliente, uma vez que achavam insuficiente a bagagem teórica que traziam e a dificuldade de articularem a mesma à prática clínica.

Observou-se também a distorção da visão da Psicologia Clínica e do seu campo de atuação, onde a formação seria eminentemente voltada para o modelo de consultório com as elites e que, como tal, habilitaria apenas para a psicoterapia individual e, quando muito, grupal. Com tal deturpação, havia uma incompatibilidade na formação do psicólogo para atender ao imenso mercado constituído potencialmente para um trabalho institucional. Por outro lado, verificou-se que, cada vez mais, chegam à clínica indivíduos com sintomas que são conseqüências dos impasses da contemporaneidade.

Logo, fica evidente a impossibilidade de separação da Psicologia Clínica da Psicologia Social. Assim refere Bacha em seu texto: “*É preciso jamais esquecer que o indivíduo da Psicologia Clínica não é menos social que aquele da Psicologia Social*”. (Jornal do Conselho Federal de Psicologia, Nº 38, 1995)

¹Psicóloga Clínica, Professora e Supervisora de Estágio da UNICAP



Não se pode pensar Psicologia Clínica sem nela inserir o social, pois o homem é perpassado por um campo de representações e experiências onde ele se reconhece e se desconhece. Algo a ele é vetado e obscurecido, muitas vezes, numa mesma experiência. Esse lado obscuro permanece como seu impensável, que, no entanto, emerge sempre de forma distorcida através dos elementos culturais, sociais e políticos, que contextualizam uma determinada sociedade. Logo, torna-se impossível, no momento atual, quando o sistema de representações extrapola uma certa territorialidade, calar o interdito. Este sempre aparece enquanto sintoma social. Logo, homem e mundo existem e coexistem nas suas contradições, nos seus sintomas. Assim, no dizer de Figueiredo: “*O que define a clínica psicológica como clínica, é a sua ética: ela é comprometida com a escuta do interdito e com a sustentação das tensões e dos conflitos*”.(1995: 40).

A Psicologia, hoje, conseqüentemente, não existe mais como uma única Psicologia, mas psicologias constituídas de múltiplos saberes.

Pensar a Psicologia sob o signo da multiplicidade permite refletir no saber psicológico como constituído por retalhos de tamanhos, cores, formas e texturas diferentes. Hoje, tem-se diversas abordagens psicológicas: Analítica, Centrada na Pessoa, Gestáltica, Yungiana, Psicodramatista, Bioenergética etc., que, por sua vez, podem funcionar de forma individual ou grupal, aplicando-se dentro do consultório, nas empresas, nos hospitais, nas escolas, nas comunidades etc. No entanto, cada uma delas guarda sua forma peculiar de visão de homem e de mundo, com referencial teórico e técnico que possibilita manter uma coerência interna.

Quando se fala de múltiplos saberes, não é apropriado se referir a um “*ecletismo*”, que anula as diferenças, mas à articulação da Psicologia com outras ciências. Essa articulação tem a finalidade de compreender e atender à demanda contextual humana na atual realidade em que vivemos.

Assim, faz-se cada vez mais necessário que o psicólogo tenha uma incorporação dos saberes psicológicos às suas habilidade práticas, pois conhecimento teórico só funciona quando articulado com o conhecimento tácito. O conhecimento tácito é o saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal. O saber de ofício, para Figueiredo, é radicalmente pessoal, em grande medida intransferível e dificilmente comunicável.

É também função do psicólogo pensar e adequar sua prática às grandes transformações sofridas pela sociedade neste final de milênio. Adequação não enquanto alienação, mas enquanto reflexão da clínica preocupada com seu papel político-social, voltado, também, para grupos na instituição e na comunidade.

Logo, é também função do psicólogo-clínico redimensionar seu espaço de atuação no campo institucional, dentro de uma prática voltada para a psico-higiene, que visa a alcançar melhor organização nas condições que tendem a promover saúde e bem-estar grupal.

Bleger define o psicólogo clínico na instituição como um técnico dos vínculos humanos e, também, técnico da explicitação do implícito.

Por sua vez, o psicólogo dentro da comunidade é responsável pelo trabalho de conscientização social e política, que resgata a cidadania da população carente. Sua função é de unir reflexão e prática, através de um trabalho psicopedagógico que vise não só a prevenir os fatores patogênicos mas também a levar a comunidade a assumir seus direitos e obrigações dentro da sociedade. Logo, o psicólogo, além de promotor de saúde, é agente de esperança.

Caberá ainda ao psicólogo manter a Psicologia viva, abrindo-se, cada vez mais, para um pensamento e para uma prática de pesquisa transdisciplinar, sendo, assim, transformada e transformando outros saberes. Só assim é possível

pensar o homem como um sujeito no mundo, como subjetividade em conquista do seu mundo, mundo em constante mudança e às portas de um fim de século, passando por transformações inomináveis que vão dos meios de comunicação à clonagem.

O ideal iluminista, que pautou a modernidade, encontra-se em decadência desde o final do século. Apesar de encontrarmos-nos inseridos num mundo governado inteiramente pela racionalidade científica, os valores que sustentam tal racionalidade se encontram em crise desde os meados dos anos 70.

Segundo Birman, a felicidade era o valor fundamental, prometida aos homens pelo ideal iluminista de transformação da natureza e de construção de uma sociedade igualitária, pela via da razão científica.

No “*Mal-estar da Civilização*”, Freud já faz críticas ferrenhas ao projeto iluminista, quando refere que a ciência pode promover o desenvolvimento civilizatório, mas à custa da felicidade humana.

Hoje, vive-se um mal-estar de fim de século e, também, de milênio: mudanças ocorridas nos anos noventa trouxeram, através da ciência, as grandes invenções tecnológicas. De repente, o homem se viu diante do cinema, da televisão e até dos meios de comunicação de última geração, como é o caso da sofisticada Internet. Por sua vez, os meios de transporte, sofrendo a ação das novas tecnologias, aproximam os espaços e possibilitam, em poucas horas, que se vá de um pólo a outro do Planeta. Com a queda do Muro de Berlim, o esfacelamento da antiga União Soviética e a abertura do mercado comum europeu, resultando numa só moeda em circulação, finalmente estamos em unidade global.

A globalização induz a pensar um mundo unificado, onde as diferenças se diluem. Diferenças culturais, sociais e econômicas que impossibilitam o homem de absorver, em curto espaço de tempo, tantas mudanças. Assim, acelerando seu tempo, o

homem é precipitado num espaço que seu espaço interior já não pode mais contê-lo. Os valores culturais e as tradições perdem suas funções estabilizadoras e mediadoras, e o sujeito, mergulhado num mundo que visa à homogeneidade, silencia sua fala e desaparece na indiferenciação.

Impossibilitado da nomeação, que marca a singularidade, a diferença só faz semblante e o sujeito se vê obrigado a recorrer a aditivos para negar a sua falta. Numa sociedade que estimula a competitividade e a completude, criou-se a ilusão de que ao sujeito nada pode faltar. Se nada pode faltar, o sujeito acaba indo ao encontro das drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Observa-se que, na atualidade, drogas que antes eram usadas apenas por meninos de rua, abandonados e famintos, como é o caso da cola, passam a fazer parte do universo do jovem de classe média, mergulhado na desesperança, vivendo a angústia do desemprego afetivo.

Outra característica dos novos tempos é a exigência de possuir cada vez mais. É exigido do sujeito que troque tempo por dinheiro e a competitividade passou a ser o estereótipo do nosso cotidiano. A lei de Gérson, levar vantagem em tudo, é sinônimo de inteligência e esperteza, gerando a indústria do calote.

Diante de novos valores, vê-se o homem na solidão, fruto do individualismo exacerbado. Do seu corpo é exigido saúde e beleza. A perfeição é buscada a todo custo, através de uma corpolatria indiscriminada, em cima de modelos eleitos pelos meios de comunicação de massa. O lema é: “*malhe sem parar e pare de comer*”. O que provavelmente é uma das causas das doenças da modernidade, tais como anorexia e bulimia - o corpo perde sua consistência imaginária, tende a desaparecer.

As relações amorosas são cada vez mais superficiais e o medo do envolvimento torna as pessoas descartáveis, gerando instabilidade e insatisfação. Há uma busca constante do não sei o quê. É a era do “*ficar*”. Fica-se para não ficar só. Estimula o individualismo, sinal de autonomia e liberação, lema da modernidade.



A família, por sua vez, enquanto espaço onde se articulam os significantes que serão repassados para as gerações futuras, perdeu o sentido de continente afetivo. Hoje, o vínculo social, espécie de matriz universal construída pela imagem do pai, chefe provedor, da mãe, procriadora e afetiva, juntamente com os filhos, diluiu-se em uma indiferenciação de lugares e funções. Até as novas técnicas de reprodução desenvolvidas pela engenharia genética interferiram na família atual.

No dizer de Santiago – “*se, antes, era a família que guardava o segredo da reprodução, hoje esse segredo deslocou-se para o saber produzido pelos avanços da genética, que promoveram as técnicas modernas de fecundação in vitro*”. (1997: 41).

É necessário refletir também nas novas organizações familiares, nas quais o casal do mesmo sexo modifica o modelo da família burguesa tradicional, fazendo-nos pensar na constituição de novas formas de desempenho das funções paterna e materna. Os mesmos avanços científicos fizeram com que se perdesse a certeza que residia no crédito de que a criação humana era obra exclusiva de Deus. No entanto, a novidade desnudou o despreparo ético do homem que chamou para si os poderes divinos, com a clonagem da ovelha Dolly. Seu inventor, em entrevista à revista *Veja*, refere ter-se sentido como um Deus, após o sucesso de sua experiência.

Novas pesquisas, antes impensáveis, como o implante de órgãos em animais de espécies diferentes, remete-nos, hoje, ao incomensurável, deixando-nos intranquilos quanto às questões éticas em jogo.

Uma outra realidade crucial é a relação sexual que sofre com a ameaça silenciosa do vírus HIV. Mesmo dentro do casamento, ronda o perigo da contaminação. Com o fantasma mortal da AIDS, que impossibilita a constituição de circuitos apropriados de satisfação, o desejo é calado, tornando-se um prisioneiro sem face. O homem, tomado de

pânico, passa a desenvolver um cuidado paranóico em relação ao risco fatal, advindo, em consequência, uma moral individualizada.

Para Trivinho: “*Não estamos na fadiga, mas no stress. Não estamos mais no medo nem tanto nas fobias, mas no pânico. Não mais no tédio, nem na angústia, mas na depressão crônica. Não mais na ansiedade, nas psicopatologias cotidianas, mas na saturação da neurose obsessiva. Não mais na esquizofrenia, mas nos marcos característicos da paranóia. “Para enfatizar”: não é o meio que vige, mas o ponto terminal do percurso, com a agravante de não existir uma patologia predominante, mas várias mixadas, sobrepostas, que sinalizam para tipos patológicos diversos dos catalogados pela clínica e literatura corrente*”. (1997:32).

Enfim, não se pode deixar de pensar no Estado enquanto função paterna falida. Estado e sociedade se tornaram disfuncionais e não respondem às necessidades da população que os sustentam. As instituições não funcionam e estão longe de cumprir os papéis a eles destinados. Saúde e educação, elementos básicos à população, estão sucateados. A justiça não é justa e o sistema penal não recupera, aliás aprisiona na delinquência institucionalizada. Há uma ascensão de um imaginário cultural desprovido de auto-estima e impossibilitado de transcender. Na descrença generalizada, há uma orfandade inflamada pela insatisfação que reduz o homem a uma auto-implosão do seu ser.

“*O homem não pode mais refugiar-se em sua subjetividade, baluarte de sua liberdade, como nesta bela interioridade que falava Hegel*”. (Japiassu, 1983: 131).

Diante de todas essas questões que fazem parte da realidade humana dos tempos atuais, onde os laços sociais são precários e podem romper-se por coisas que escapam, é desafio, para nós psicólogos, repensar a clínica do ano 2.000.

Pois, enquanto “ciência” do subjetivo, a Psicologia nasceu em Freud. E, pelo visto, parece que

também morreu com ele. Criada para dar conta do declínio da função paterna na sociedade vienense do início do século, como pode ela, hoje, responder pela falência dessa mesma função, quando ocorreram tantas mudanças nas cadeias simbólicas e imaginárias de relações?

Registrar a presença desses fatores mortíferos em diferentes instituições não resolve as relações humanas, mas, tão somente, reforça a dimensão estrutural do mal-estar na civilização nesse final de século.

No entanto, isso nos leva a pensar na organização subjetiva do sujeito da contemporaneidade, que, desterrado do seu eu, na sua alteridade, tenta, através de artifícios, silenciar sua angústia. Sujeito atravessado por forças pulsionais que invadem seu corpo, onde a fala e a linguagem já não fazem sentido.

Assim, atingido na sua alteridade, é deslocado de si mesmo e chamado a responder às influências externas, ficando vulnerável no seu bem-estar. A fragilidade dos novos chamados a que é submetido é impactante, pois a rede discursiva é sempre precária. Logo, afetado em nível de profunda passividade, vê-se impossibilitado de escapar aos novos apelos. Comprometido com o que lhe é demandado, fica anulado na sua singularidade.

Nesse contexto, o que se instala é um caos resultante da multiplicidade de discursos produzidos pelas modernas sociedades capitalistas, as quais fragmentam as estruturas simbólicas, deixando o homem na solidão do seu imaginário e no mais profundo desamparo.

Faz-se, pois, necessário que a psicologia clínica, como forma de abordar o sujeito em sua subjetividade - e não apenas em seu mundo de representações -, tenha como função da escuta criar espaços que, conectados com outros saberes, possibilitem uma fala, re-constituindo o pacto simbólico.

Só assim, comprometida com o sujeito do desejo, é possível à psicologia clínica encontrar uma saída: A ÉTICA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHA, Márcia S. C. Neder. Psicologia e política: A formação em questão. *Jornal do Conselho Federal de Psicologia*, v. 10, n. 38, maio 1995.
- BIRMAN, Joel. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo, Ed. 34, 1997. 240p. p. 71-102: Desamparo, horror e sublimação.
- FIGUEIREDO, L. C. – *Revisitando a Psicologia*. São Paulo: EDUC; Petrópolis: Vozes, 1995, 97p. p.40 : Quem é o psicólogo clínico?
- JAPIASSU, H. *A Psicologia dos Psicólogos*. Rio de Janeiro: Imago, 1983. 160p. p. 131: por uma filosofia da psicologia
- SANTIAGO, J. A Psicanálise Passe a Familiarização do Mundo Pontos Para uma Investigação Sobre a Família. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR, maio 1997. *O Mal-estar no fim de Século XX*. Feira de Santana: 1997. p. 41.
- TRIVINHO, E. R. As Formações do Mal-estar da Era da Tecnologia Avançada. In: SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR, maio, 1997. *O Mal-estar no fim de Século XX*. Feira de Santana: 1997. p. 32.

